

A Sociologia das Cozinhas – adensando considerações sobre usos, práticas sociais, relações de gênero e de trabalho no cotidiano da cozinha das casas¹

Ana Cláudia Bessa-UFF-RJ²

RESUMO

Este trabalho é baseado em um artigo previamente publicado e tem suas raízes em uma proposta de pesquisa concebida em uma atividade disciplinar integrante da graduação em Sociologia. Sendo assim, este trabalho pretende revisitar e adensar as análises referentes a pesquisa publicizadas no artigo que abordou as dinâmicas sociais e culturais estabelecidas nas cozinhas das casas, traçando paralelos entre o domínio doméstico e os padrões comportamentais sociais dentro das famílias e nas cozinhas. Por meio da interseção de diversas perspectivas antropológicas e sociológicas, são analisados criticamente contextos capazes de gerar tanto a subalternidade quanto o protagonismo feminino. Caracterizada por uma abordagem exploratória de escopo restrito, a investigação empregou um *survey online* para coleta de dados que permitiram uma orientação para o desenvolvimento de reflexões sobre o ambiente doméstico urbano, suas relações sociais e de parentesco. Os resultados sobre o papel central da casa nas representações e reproduções sociais dos papéis de gênero no cotidiano urbano evidenciaram um vasto campo de estudo nas relações sociais originadas nas cozinhas das residências, transcendendo os laços de parentesco e abordando questões de gênero, dominação e divisão sexual do trabalho.

Palavras-chave: cozinha; gênero; divisão sexual do trabalho.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se originou nas aulas da disciplina *Ambiente e Sociedade*³ para a graduação no curso de Sociologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). A ideia de ambiente é uma forma de olhar as questões sociais pela dimensão espacial ou de

1 "Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)"

2 Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense-UFF, Mestra em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e Socióloga pela UFF. E-mail: anabessa.uff@gmail.com.

3 Ementa da disciplina "Ambiente e Sociedade": O curso tem o objetivo de discutir algumas das formas pelas quais o "ambiente" vem sendo tematizado pelas ciências sociais. "Meio ambiente", "espaço", "natureza", "terra", "território", "moradia", "casa", "habitat", "ecologia", "pluriverso": noções e conceitos como esses são expressivos de como múltiplas perspectivas e subcampos disciplinares colocam no centro de suas preocupações os ambientes enquanto lugares de vida e/ou lugares em que se vive.

localização onde os indivíduos se encontram. Mesmo diante das limitações dos dados produzidos, para um breve trabalho de final de disciplina, a pesquisa buscou através de conceitos abordados pela Sociologia, desenvolver estudos no campo das Ciências Sociais para construir uma análise que integre a teoria e um estudo de caso, usando a cozinha como objeto de pesquisa. Complementarmente, propôs a submissão do trabalho neste evento com o propósito de rever a discussão e buscar adensar as reflexões dentro deste tema.

O trabalho teve o objetivo de ser um estudo exploratório. Gil (2008) define que os estudos exploratórios partem de pesquisas em processos menos rígidos que podem ser a formulação de hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, como está sendo proposto nesta submissão à revisão dos dados analisados.

A metodologia escolhida foi a pesquisa quantitativa, através do uso de um *survey online*. O formulário foi construído utilizando a ferramenta *Google Forms*⁴ e distribuído na rede social *Facebook* entre as pessoas que se relacionam com a pesquisadora e com o estímulo para que o questionário fosse divulgado também na rede de contatos de outras pessoas. Por outro lado, a partir da utilização dos dados para debater a teoria, e considerando a forma como os dados são usados e apresentados, a pesquisa que se iniciou como quantitativa, acabou por se caracterizar como qualitativa.

A investigação sobre o uso das cozinhas se baseou em um questionário de opinião e comportamento que foi disponibilizado pela Internet em novembro de 2019, durante 15 dias, para pessoas maiores de 18 anos (sem necessidade de se identificar) que desejassem participar espontaneamente da coleta de dados. O formulário digital continha questões relacionadas a pessoa respondente, sua casa e, em especial, a cozinha. O tempo delimitado em 15 dias se deu por causa da limitação de tempo que o trabalho de fim de disciplina demanda.

As primeiras questões eram referentes ao perfil dos/as respondentes – como idade, gênero, cor ou raça, escolaridade, ocupação, orientação sexual, local de nascimento e moradia. A segunda parte continha questões sobre a casa e a cozinha – como quantidade de cômodos, de moradores e quem reside na residência, se possuem mesa de refeições fora da cozinha, onde são feitas as refeições e etc. Na terceira parte, constavam questões relacionadas aos usos e rotinas da convivência dentro da casa e da

4 *Google forms* é uma ferramenta digital disponibilizada pela empresa *Google* para criar questionários para a realização de pesquisas pela Internet. Disponível em <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acessado em 10. outubro de 2019.

cozinha – quem usa a cozinha, como os espaços são utilizados, quanto tempo ficam neste cômodo, etc. Na parte final, o questionário procurava saber sobre os sentimentos relacionados a cozinha – se sabe/costuma/gosta de cozinhar, sobre lembranças de infância neste cômodo da casa, o que mais/menos gosta, etc.

Apesar de ter sido um questionário disponibilizado por pouco tempo, a quantidade de participantes foi relevante, com alcance de 247 respostas, o que também foi um fator que determinou o fechamento da consulta para que houvesse tempo suficiente para análise dos dados. Com esse resultado, foi nítida a percepção de interesse e satisfação das pessoas em responder a uma pesquisa com este tema. O trabalho doméstico está no centro dos debates das instituições que estudam o mercado de trabalho, assim como das ciências sociais. Isso se dá por ser um trabalho de cuidado não remunerado, executado majoritariamente por mulheres e que, por isso, afetam a igualdade de oportunidades de ascensão profissional femininas, quando comparadas com progressão de carreira e de salários dos trabalhadores homens. Ainda mais, quando se considera que o trabalho doméstico é carregado de sentimentalismo familiar relacionado à responsabilidade feminina, principalmente, materna. Uma realidade que reflete na predominância da presença feminina nos ambientes domésticos. Neste sentido, a presença feminina também reforça uma situação que se acentuou durante a pandemia, onde as mulheres foram as mais afetadas em termos de prejuízos profissionais, salariais e condições de sobrevivência.

Estudos anteriores à pandemia da COVID-19 demonstraram que, no Brasil, a insegurança alimentar moderada ou grave é mais prevalente em domicílios nos quais a pessoa de referência é uma mulher, com baixa escolaridade e cor autorreferida negra (parda ou preta)^{1,2}. Pesquisas durante a pandemia reforçam que este padrão se mantém: as mulheres e famílias sustentadas por elas foram as mais afetadas pela fome no contexto pandêmico. (SCHALL, Brunah et al., 2022, p. 4146).

Em alinhamento com estas questões, o tema da cozinha nesta pesquisa revelou esses mesmos sentimentos de familiaridade e pertencimento nos/as respondentes. Muitos/as deles/as fizeram questão de expressar o quanto gostaram de participar da pesquisa por entenderem que o tema fazia parte de suas vivências pessoais cotidianas em suas casas. Essas manifestações foram feitas diretamente à pesquisadora em virtude da distribuição do questionário ter sido feita pelo perfil pessoal no *Facebook* e esse retorno, inclusive, evidenciou que o questionário poderia ter tido um espaço para este tipo de *feedback* espontâneo em caso de os/as respondentes desejarem dizer algo mais a respeito da pesquisa. Este espaço seria uma forma de registrar esses depoimentos e

também integrar estas manifestações como dados empíricos fornecidos pela pesquisa. Sendo assim, torna-se imperativo mencionar que o trabalho se tornou mais prazeroso e gratificante em decorrência dessas manifestações. Ademais, fica registrado que este sentido afetivo do tema pode propiciar uma continuidade de pesquisa dentro do campo das dinâmicas sociais, domésticas e cotidianas das casas.

O QUESTIONÁRIO

O questionário continha 37 perguntas que investigaram sobre o perfil dos/as respondentes, sobre suas casas, sobre as pessoas que convivem na casa, sobre as rotinas domésticas e sobre a cozinha. Conforme já mencionado, as pessoas que participaram da pesquisa foram acessadas através das redes sociais, a partir do perfil pessoal da pesquisadora no *Facebook*. O método adotado foi um tipo indireto de “bola de neve” onde o questionário era repassado nas redes dos/as respondentes por indicação entre as pessoas. Desta forma, o convite para participar da pesquisa incluiu um pedido para que os/as amigos/as repassassem o mesmo aos seus contatos, fazendo com que a pesquisa fosse divulgada para outros círculos de relacionamento, de forma a ampliar seu alcance. Como já mencionado, a disponibilização do formulário se deu por 15 dias e foi respondido por 247 pessoas. Além disso, como explicado, a decisão de interromper a coleta de dados foi tomada em função da data final para entrega do trabalho. Por se tratar de um trabalho para final de disciplina, não haveria disponibilidade de tempo para análise de um volume muito grande de dados. Ou seja, a disponibilização por mais tempo tem potencial de produzir uma pesquisa mais robusta permitindo considerações mais abrangentes. Contudo, dada a limitação temporal, foi necessário delimitar o escopo da pesquisa, focando nos aspectos mais relevantes e representativos para garantir a qualidade e a pertinência das análises realizadas dentro do prazo estabelecido. Esse enfoque seletivo permitiu uma investigação detalhada e precisa dos dados coletados, mesmo que em menor quantidade, assegurando que os objetivos principais do trabalho fossem atingidos de maneira eficaz.

O PERFIL DAS/DOS RESPONDENTES

As características principais do perfil dos/as respondentes revelaram que a maioria das pessoas que participou da pesquisa é do gênero feminino (90,2%), da raça

ou cor branca (64%), têm entre 21 e 40 anos de idade (46,15%), heterossexuais (85,8%), moram em apartamento (51%), possuem emprego formal (43,7%) e possuem escolaridade superior completa (43,7%). Desta forma, temos um perfil de mulheres que vivem em centros urbanos, com boa escolaridade, com participação efetiva no mercado de trabalho e de uma faixa etária que corresponde à idade média em que as mulheres se casam, que é de 29 anos, segundo IBGE(2019)⁵.

A partir das teorias de parentesco de Claude Lévi-Strauss (1982), podemos entender a estrutura social desses respondentes sob uma nova perspectiva. Lévi-Strauss argumenta que o parentesco não é apenas uma relação biológica, mas também cultural e social, estruturada por normas e regras de alianças e trocas entre grupos, seja por consanguinidade, descendência ou afinidade, sendo este último que é o que definiria os casamentos. O perfil identificado sugere um padrão de vida urbana onde as mulheres, ao atingir a idade média de casamento, estão inseridas em uma rede de relações sociais e econômicas que vão além das relações de parentesco fundamentadas tradicionais. Essas mulheres, com alta escolaridade e participação no mercado de trabalho, representam uma transformação nas estruturas familiares clássicas, movendo-se em direção a modelos de famílias nucleares urbanas onde a aliança matrimonial se alia à realização pessoal e profissional. Essa dinâmica pode ser vista como um reflexo das mudanças nas formas de organização social e nas expectativas em torno do papel da mulher na sociedade contemporânea.

Desta forma, é digno de nota compreender que as características de perfil declaradas pelas respondentes neste trabalho – passarei a falar, exclusivamente, no feminino considerando a maioria espontânea de respostas femininas – apresentam um recorte de raça e de classe significativo que pode produzir resultados que exclui outras realidades femininas como as referentes às mulheres negras e também às mulheres pobres, por exemplo. Essa observação é relevante porque a questão racial, a falta de acesso à educação e a exclusão do mercado de emprego formal são realidades que produzem dados e contextos diferentes dentro da perspectiva social, mesmo levando em consideração o fato de que este trabalho se resume ao ambiente doméstico.

A COZINHA

5 Ver dados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=resultados>>. Acessado em 10. junho de 2020.

A busca por definir uma casa pode ser bem ampla. A casa não é somente um lugar, ou onde se habita. A casa faz parte da constituição dos indivíduos, produz significados, materializa sentimentos, realizações e relações sociais. A partir da casa são centralizados muitos processos de constituição individual e coletiva, dos âmbitos público e privado.

A etnografia evidencia que a casa existe na medida em que está inserida em uma configuração de casas e que, em ambas, as relações se organizam ao integrar dois princípios distintos de “conectividade” (*relatedness*): “sangue” e “consideração”. Ademais, a existência relacional da casa e da configuração de casas está vinculada à coexistência e integração mútua de esforços de individuação e de processos relacionais. (MCCALLUM; BUSTAMANTE. 2012)

A pesquisa demonstrou que a moradia é o lugar onde se vive e convive. A casa é o local primordial da convivência social onde se desenvolvem práticas e modos de vida. E dentre todos os cômodos que tem uma casa, não se pode deixar de analisar a cozinha como o cômodo onde se desenvolve grande parte das relações sociais primárias entre as pessoas. Woortmann (2018) explica que a casa representa mais até que “um teto sobre a cabeça”, algo que, primariamente, podemos considerar como a segurança física e financeira que uma casa pode representar. Para ele, a casa tem um significado simbólico cultural, ideológico e, mais ainda, significa a própria constituição a família, “a realização do grupo doméstico”. Deste modo, não se pode falar de ambiente e sociedade, ou de relações sociais, sem falar da casa. Entretanto, mesmo com significados compartilhados, as casas não são iguais. Cada família concebe subjetivamente seu lugar no mundo, seus espaços e suas formas de viver em dinâmicas diversas e isso, como pudemos verificar, pode ser visto a partir da cozinha das casas.

Pensando nas relações que se estabelecem dentro deste cômodo, que é comum à maioria das casas, uma das perguntas da pesquisa foi exatamente essa: *Onde você mora tem cozinha?* Isso porque, apesar de parecer óbvio, é importante saber se as pessoas respondentes tinham cozinha em suas casas, considerando que a pessoa poderia morar em algum lugar que não disponibilizasse cozinha. Esta também foi uma forma de comunicar aos participantes da pesquisa, a que objeto de estudo a mesma se refere e para certificar que a pesquisadora está se comunicando com o público-alvo.

Neste aspecto, em uma pesquisa online, isso se torna mais importante ainda para validar o método de pesquisa digital que ainda cria certa resistência entre alguns/mas pesquisadores/as. A resposta demonstrou que, nessa pesquisa, 100% dos/as

respondentes declararam ter cozinha em sua casa. Ou seja, todas as pessoas que responderam à pesquisa partilham da convivência dentro de uma cozinha em alguma parte de seu dia.

Essa também é uma realidade das cozinhas: elas fazem parte de nosso cotidiano, não apenas existem dentro das casas. A pesquisa revelou que mais de 80% das respondentes considera que a cozinha é importante para elas e quase 50% das respondentes disseram que cozinham todos os dias em sua casa. Sendo, a cozinha de uma casa o local onde se preparam os alimentos, é lá que se dão atividades funcionais fundamentais, uma vez que a alimentação é uma necessidade básica de sobrevivência humana. Isso torna a cozinha um espaço de uso necessário e compartilhado por todos fazendo com que tanto os indivíduos de dentro da casa, como os de fora da casa, usufruam desse espaço doméstico.

Mas a cozinha também é mais do que isso. A cozinha é um local onde se desenvolvem relações sociais e familiares, de confraternização, convivência e conflitos. Relações que unem trabalho, cultura e prazer. As próximas seções deste artigo, apresentarão um paralelo entre as respostas do questionário e conceitos sociológicos. Este paralelo teve por base os apontamentos já mencionados de forma a olhar para as características que revelaram a cozinha como um lugar de construção de significados nas relações humanas e sociais. Então, vamos para a cozinha!

A DUALIDADE DE GÊNERO DENTRO DA COZINHA

A pesquisa revela uma informação importante: a cozinha ainda é *lugar de mulher*. É possível fazer essa afirmação a partir de várias respostas dadas na pesquisa, bem como também a partir de interpretações que podem ser dadas a essas respostas. Uma observação, e de onde se pode partir, como já referenciado, reside na constatação de que as respondentes da pesquisa – em 90,2% das respostas – declararam ser do gênero feminino. Como forma de análise, será considerado este número absoluto, mesmo sabendo que não houve controle sobre a quantidade de homens e mulheres que receberam a pesquisa para responder. Isso é importante porque o número de homens que tiveram acesso ao questionário pode ter sido menor que o número de mulheres. Um risco também da técnica “bola de neve”, onde mulheres distribuíram o questionário, preferencialmente, para outras mulheres. Outra explicação possível também de refere ao fato de que, mesmo tendo recebido o questionário, homens não se interessaram em

responder. Neste sentido, pode-se também interpretar que esse número menor pode indicar que, pelo fato da pesquisa ser espontânea, menos de 10% dos que tiveram acesso à pesquisa se interessaram em participar de uma investigação sobre cozinhas, por serem do sexo masculino. Isso porque, poucos homens podem ter se interessado em responder por não ser um tema que eles considerem que se refira a eles. O que traz a reflexão sobre o fato de que – em uma pesquisa futura – uma amostragem mais controlada em termos de distribuição do questionário pode ser interessante de ser pensada⁶. De qualquer modo, a maior prevalência do sexo feminino pode dar a entender que – seja porque menos homens se interessaram ou porque mulheres repassaram a outras mulheres – a cozinha é um cômodo da casa que ainda não contempla a diversidade de gênero na prática.

Outra consideração pertinente a respeito dos dados se dá a respeito da presença feminina em dois tipos distintos de cozinhas: a residencial e a profissional. A diferenciação entre a cozinha doméstica e a cozinha profissional também apresenta uma divisão sexual do trabalho e um recorte de gênero. Segundo uma pesquisa rápida na Internet, só existe uma *Chef* de cozinha premiada no Brasil – em um total de 18 profissionais – com as estrelas do guia Michelin em 2019⁷. Sendo assim, o ambiente da cozinha doméstica – predominantemente feminino – não se reproduz nos ambientes de gastronomia que são considerados profissionais.

A cozinha profissional é um ambiente muito masculino. A cozinha de elite ou alta cozinha construiu-se estrategicamente em torno de chefs homens. Quando esse tipo de manifestação gastronômica deixou o espaço do privado para ocupar a esfera pública, o ambiente doméstico e os postos na cozinha doméstica foram designados às mulheres, que já eram desde há muito as responsáveis pelo cuidado com a alimentação de suas famílias. (Borba, 2015, p. 107)

Por outro lado, se a cozinha profissional é voltada para servir refeições da hora do almoço, normalmente voltada para trabalhadores/as, as mulheres também aparecem predominantes como cozinheiras, o que confirma que quando se trata de culinária

6 A proposta pode ser a de distribuir a pesquisa para um número definido e controlado de homens e mulheres. Ou passar para mulheres e pedir que cada mulher repasse a pesquisa para um homem. Enfim, pensar técnicas que tornem possível mensurar o interesse e a participação masculina neste ambiente em igualdade de proposição.

7 O Guia Michelin é um guia gastronômico de relevância mundial. Os restaurantes são avaliados com uma, duas ou três estrelas. No Brasil, em 2019, 18 restaurantes foram premiados com as estrelas Michelin, o que confere significativo prestígio aos/às chefs que os comandam. Ver mais sobre o guia em <https://guide.michelin.com/br/pt_BR>. Sobre os restaurantes estrelados em 2019, ver mais no link: <<https://paladar.estadao.com.br/noticias/restaurante-e-bares,guia-michelin-2019-confira-os-restaurantes-estrelados-em-sp-e-no-rj,70002818173>>. Links acessados em 20. julho de 2020.

“social” diária, o que podemos considerar como um ato de cuidado, mesmo que profissional, continua sendo tarefa feminina porque é menos valorizada e remunerada.

Outra resposta destacada é a observação de que 90% das pessoas que responderam à pesquisa, disseram que sabem cozinhar. Os saberes culinários, então, podem ser considerados um capital cultural importante que se transmite entre gerações. O capital cultural, segundo Bourdieu (2007), pode existir em três formas. Ele pode ser incorporado através de disposições mentais e corporais, objetivado por bens culturais e institucionalizado através das qualificações educacionais. No contexto dos saberes culinários, o capital cultural incorporado é evidente nas habilidades e conhecimentos que os indivíduos possuem, os quais foram adquiridos através de socialização familiar e prática contínua e que são transmitidos entre as integrantes das famílias.

Além de saber cozinhar, 75% das respondentes disseram que gostam de cozinhar. Ou seja, o estar dentro das cozinhas não é apenas uma questão de necessidade, existe um prazer em estar dentro dela. Efetivamente, as pessoas se relacionam afetivamente com a cozinha. Por outro lado, se for considerada a informação de que mais de 90% das respondentes da pesquisa são mulheres e que há uma questão de gênero relacionada à presença majoritariamente feminina nos trabalhos domésticos, temos que pensar obrigatoriamente sobre o quanto o papel de gênero impõe às mulheres que saibam cozinhar. A divisão sexual do trabalho também pode confundir obrigações/necessidades e preferências/prazer. Essas diferenças entre preferências e obrigações podem configurar, não somente o trabalho doméstico feminino não remunerado, como a precarização persistente do mercado de trabalho para as mulheres.

Note-se que a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro tem sido caracterizada através do tempo pela marca da precariedade que tem atingido uma importante parcela de trabalhadoras. Mesmo que os dados sinalizem para um decréscimo relativo desse contingente na década de 90, ainda assim, em 1998 nada menos que 36% da força de trabalho feminina ou 10 milhões de mulheres situavam-se em nichos precários do mercado de trabalho, seja como trabalhadoras domésticas, seja realizando atividades não remuneradas ou trabalhos destinados ao consumo próprio ou do grupo familiar. (Bruschini; Lombardi, 2016, p. 174)

De acordo com Bourdieu (2007), a internalização de certas práticas e papéis sociais desde a infância, através da socialização, reforça a naturalização dessas funções de gênero, como as atividades domésticas atribuídas predominantemente às mulheres. Esse fenômeno, que ele chama de 'habitus', é uma forma de moldar a percepção e a prática cotidiana dos indivíduos, dificultando a distinção entre as escolhas genuínas e as

práticas impostas socialmente. Por esta razão, também podemos dizer que o prazer declarado em cozinhar pode, em muitos casos, ser uma manifestação do habitus que as mulheres acabam por internalizar, levando-as a perceber como escolha pessoal o que é, em boa medida, uma reprodução de expectativas sociais de gênero. Além disso, a feminização do trabalho doméstico contribui para a manutenção desse sistema onde as mulheres, apesar de estarem inseridas no mercado de trabalho formal – como demonstrado na pesquisa –, continuam a carregar a maior parte das responsabilidades domésticas, perpetuando desigualdades estruturais no âmbito profissional e pessoal. O conceito de habitus de Bourdieu e como ele molda os estilos de vida e as práticas culturais, permite explorar a relação entre disposições internalizadas e práticas cotidianas para buscar compreender como o habitus influencia a percepção e reprodução de papéis, tanto os de gênero, como de outras práticas sociais.

CULTURA E NATUREZA

A oposição entre cultura e natureza é estruturante do ser humano. Resumidamente, a cultura é aquilo que o homem modifica e a natureza aquilo que ele recebe pronto. O trabalho se organiza a partir dessa oposição, uma vez que o trabalho é produzindo pela interferência do homem sobre a natureza. Além disso, há também as diferentes concepções daquilo que é considerado trabalho. Ou seja, a forma como a sociedade se relaciona culturalmente com seu ambiente pode contribuir também para entender as relações que se estabelecem dentro das casas, e das cozinhas. O trabalho doméstico e a divisão sexual do trabalho são questões que se encaixam neste debate de oposição entre cultura e natureza, uma vez que são fatores que contribuem para organizar a vida social de homens e mulheres.

Nesta direção, o desenvolvimento da ciência, dos processos tecnológicos e produtivos, carregam consigo esta construção do trabalho e controle da produção. Este controle que os indivíduos fazem de seu ambiente, caracteriza-se por essa oposição entre cultura (desenvolvimento) e natureza (primitivo), masculino (conhecimento) e feminino (selvagem), ou ainda, o domínio (cultura) que controla a submissão (natureza). Estes conceitos estão imbricados com a industrialização e o colonialismo que são constituídos a partir de um patriarcado composto invariavelmente por uma visão machista de mundo (Shiva, 2000). Essas práticas, carregadas de simbolismos, são utilizadas em diversas esferas da vida social. As relações que se estabelecem no

ambiente doméstico, nos usos das cozinhas e na desvalorização dos trabalhos femininos, também podem ser entendidos a partir desses conceitos que – mesmo quando se parecem distintos – estão muito relacionados. Uma forma de ilustrar essa oposição consiste no fato de que o trabalho na rua (considerado masculino) é valorizado e remunerado, enquanto o trabalho doméstico (considerado feminino) é desvalorizado e não remunerado.

Deste modo, quando perguntado “quem normalmente prepara as refeições da casa no dia a dia atualmente”, o questionário obteve uma resposta que evidenciou, mais uma vez, a presença do gênero feminino na cozinha, pois 80% das respostas indicaram que são as mulheres que fazem este trabalho. Mulheres que podem ser as mães, irmãs, tias, avós, a própria pessoa do gênero feminino que respondeu o questionário, ou ainda trabalhadoras domésticas – estas últimas – em maioria absoluta dentro deste mercado – especificadas como sendo do gênero feminino, conforme já evidenciamos anteriormente.

Continuando na linha de pensamento a respeito de cultura e natureza, não é possível pensar em ambiente e sociedade sem pensar em natureza, cultura e construção de processos históricos. Anne McClintock (2010) traz algumas considerações interessantes sobre o imperialismo e as relações de gênero como políticas – culturais e de poder – que permitem fazer correlações com as vivências dentro da cozinha. A teoria de McClintock trata da feminilização do mundo e da natureza como modo em que o ambiente é explorado pelos homens. Os homens – relacionados como detentores do conhecimento (cultura) como sendo os indivíduos sociais a quem é permitido – e esperado – deter o poder a natureza (que é feminina). Essa posse compreende a subordinação das mulheres como categoria de natureza. A natureza que pode ser moldada e dominada pelo conhecimento. Isso dá uma boa possibilidade de explicação do motivo pelo qual as mulheres ainda estão tão presentes na cozinha, considerado socialmente como um trabalho inferior, de cuidado, e, muitas vezes, é sequer considerado como trabalho. Uma condição histórica de invisibilidade e desvalorização que são realidades do trabalho doméstico. Assim como a diferenciação, já mencionada, entre a valorização da cozinha profissional (masculina, dotada de conhecimento) em relação à cozinha doméstica (feminina, categorizada como amadora). Por esta razão, podemos falar da subalternidade feminina no mercado de trabalho como um fenômeno que se manifesta e opera dentro da divisão sexual do trabalho.

Outra indicação é o fato de que as mulheres ainda são as maiores responsáveis

pelos cuidados familiares, o que se refere diretamente ao trabalho para a manutenção da vida de outras pessoas, principalmente, de forma não remunerada. A cozinha das casas também é tida como um local de saberes menores, de trabalho braçal e subalterno. Essa é uma concepção capitalista associada aos trabalhos não assalariados, “cuja exploração foi naturalizada” (Federicci, 2017, p. 13). A cozinha ainda pode carregar em si uma diminuição e desvalorização do papel das mulheres, reduzindo-as a meios ou ferramentas de trabalho, sem atuação criativa e que agem passivamente de acordo com as demandas que lhe são solicitadas dentro daquilo que abrange a vida privada/familiar/doméstica – desprestigiado e sem valor efetivo – nas cozinhas residenciais.

Uma herança do discurso colonial que permanece nos dias de hoje. Helena Hirata (2002) traz alguns elementos adicionais que ajudam a compor argumentos e pensar as questões de gênero citando as consequências que o modelo normativo traz para as desigualdades globais entre homens e mulheres no mundo do trabalho. São dados que podem ser ferramentas para análise das relações no ambiente doméstico e demonstram que esta é uma situação que apresenta lentidão no que se refere às mudanças, mesmo com a modernidade e a ascensão da mulher no mercado de trabalho. Uma situação que mantém a mulher ainda muito inserida no universo das tarefas domésticas e do cuidado dentro das famílias.

Em oposição a essas tendências recentes no trabalho profissional feminino, as mudanças no trabalho doméstico são menores e muito mais lentas. Se o forte desenvolvimento das tecnologias domésticas tendeu a facilitar essas tarefas, a divisão sexual do trabalho doméstico e a atribuição deste último às mulheres, em realidade, continuou intacta. A relação entre o trabalho doméstico e a afetividade parece estar no centro dessa permanência. (Hirata, 2002, p. 150)

Essa diferenciação entre homens e mulheres como herança do discurso colonial, também pressupõe a manutenção da diferenciação entre submissão e dominação, colônia e colonizador. O gênero masculino – o homem – como o grande possuidor e dominador de corpos e de modos submissos de vida femininos. Mary Douglas (1991) emprega essa analogia para expressar uma percepção de ordenamento que objetiva controle e estabilidade nas dinâmicas das relações sociais. São simbolismos e dispositivos que determinam distinções – por exemplo – entre dominador e dominado. Considerando que viver é classificar o mundo, não por acaso, a cozinha das casas ainda é categorizada e classificada como um local feminino, mesmo diante das transformações sociais que já se apresentam na participação da mulher na sociedade e no mercado de

trabalho – fora de casa – no século XXI. Exatamente como verificado na pesquisa, onde as mulheres respondentes, além de ter um alto nível de escolaridade, possuem emprego formal, ao mesmo tempo que continuam responsáveis pelas atribuições domésticas.

SOBRECARGA FEMININA

É possível trazer mais elementos ao recorte de gênero, mesmo a mulher já estando, em alguma medida, bastante inserida no sistema capitalista e presente no mercado de trabalho, fora do ambiente doméstico. As mulheres continuam em um tipo de subordinação, acumulando funções sociais e encarando somadas jornadas de trabalho, sem que isso proporcione realização pessoal ou reconhecimento social.

Analisando as respostas da pesquisa e as questões relacionadas ao tema, recordei uma passagem da minha infância, na casa de uma das avós. A casa dessa avó era onde, obrigatoriamente, a família ia todos os domingos quando eu era criança na década de 70. A casa era uma típica casa do patriarca da família. Mas o registro mais forte que se manteve na memória é da matriarca que recebe a família em sua casa no domingo para almoçar. Assim como na pesquisa, na cozinha dessa casa a presença dominante também era feminina.

Uma presença tão forte que também leva a pensar em outra perspectiva possível baseada na relação entre casa e maternidade. A cozinha só tinha a presença da matriarca, das filhas, da empregada doméstica – que era sempre uma mulher – e, eventualmente, das netas, a quem era ensinado o ritual que unia a família em torno dessa refeição dominical que era servida para todos. Enquanto essa movimentação acontecia em torno da cozinha para o preparo do almoço, as crianças brincavam e os homens permaneciam na sala ou na área externa da casa, confraternizando entre si. Os homens só eram chamados e se encaminhavam para a refeição quando a mesa estava posta. Para as mulheres, era um domingo de muito trabalho em nome da família. Enquanto para os homens, era um dia de descanso, confraternização e lazer.

As mulheres tendem a receber menos que os homens porque trabalham seis horas a menos por semana em sua ocupação remunerada. Porém, como dedicam duas vezes mais tempo que eles às atividades domésticas, trabalham, no total, cinco horas a mais que eles. Ao todo, a jornada das mulheres é de 55,1 horas por semana, contra 50,5 horas deles (Vieira, Agência Brasil, 2016).

Uma história que configurava passagens comuns das famílias naquela época.

Um passado que também foi constatado na pesquisa, pois 70% das respostas indicam que era a mãe que preparava as refeições em casa na infância. Mesmo que, em certa medida, a configuração de como essas relações se estabelecem dentro das casas possa ter mudado – quando comparado a tempos passados – podemos também perceber muita continuidade. Alguma mudança sempre acontece e pode ser percebida na contemporaneidade. Por outro lado, as permanências também. Embora não haja intenção de se debruçar sobre estas mudanças específicas neste momento, a cozinha de uma casa permanece – não só se mostrando como um lugar de mulher – como um local de grande demanda de trabalho feminino socialmente invisibilizado.

As mulheres, nessa pesquisa, demonstraram que não estão dedicadas somente ao trabalho doméstico e estão obtendo – de forma crescente – educação formal de alto nível há mais de uma geração. Ainda assim, 50% declararam que são elas que cozinham em casa, sem dividir esta tarefa com outras pessoas, sendo que menos de 10% declararam que moram sozinhas. Ou seja, a maior parte dos homens que dividem a moradia, não atuam nesta tarefa doméstica e as mulheres trabalham em casa para manter outras pessoas além de si mesmas. A sobrecarga feminina fica evidente.

A QUESTÃO RACIAL

Neste ponto, é pertinente trazer a questão racial ao debate, ainda mais considerando que a maioria que respondeu ao questionário se declarou ser da raça branca. Quando se fala em inserção no mercado de trabalho, é relevante citar que, nos casos das mulheres negras, essa inserção sempre aconteceu de uma forma ou de outra. As mulheres negras, escravizadas ou livres, sempre trabalharam arduamente nas lavouras ou fora das casas. O conceito de “dona de casa” ou da questão do trabalho doméstico, era uma realidade mais referente às mulheres brancas de classe média. Sendo assim, as mulheres negras fizeram – desde sempre – trabalhos domésticos e – na maioria dos casos – como escravizadas, empregadas e sem ser enquadradas na categoria de “donas de casa”. Além disso, as mulheres negras, por trabalharem fora, foram as primeiras a acumular funções de trabalho fora e dentro do ambiente doméstico (Davis, 2016).

Por outro lado, é importante entender que essa construção histórica da desvalorização do trabalho doméstico, nem sempre existiu. No passado, a divisão do trabalho entre homens e mulheres era igualmente valorizada na vida em comunidade. E

mesmo atualmente, existem sociedades que entendem o papel do trabalho doméstico executado pelas mulheres – que pode ir além dos cuidados com a limpeza, por exemplo – como tão essencial quanto as atividades desempenhadas pelos homens. Essa concepção de supremacia masculina é característica das sociedades capitalistas, racistas, excludentes e da era industrial. A migração do trabalho das casas para as fábricas, trouxe consigo a desqualificação do trabalho doméstico a partir do momento em que a importância econômica – geradora de capital – passou a existir fora deste ambiente pois “como as tarefas domésticas não geram lucro, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada capitalista” (Davis, 2016, p. 230).

Nas outras respostas fica evidenciado que a mulher também está atuando fora do ambiente doméstico. Isso porque 50% das respondentes têm trabalho fora de casa. As mulheres também estão estudando e obtendo graduação – que lhes capacita a obter trabalho profissional – já que mais de 70% têm escolaridade superior completa ou maior. Além disso, mais de 30% das mães das respondentes têm terceiro grau completo, o que é significativo ao olhar para a perspectiva geracional e racial, visto que essas condições se dão entre uma maioria de mulheres brancas presentes na pesquisa.

AS RELAÇÕES FAMILIARES E AS DESIGUALDADES

As relações familiares podem ser observadas e analisadas a partir do que se estabelece dentro das cozinhas das casas? Pela divisão sexual do trabalho, já vimos que sim. A cozinha reproduz as inquietantes diferenciações sociais que existem entre os trabalhos femininos e os masculinos. Essas diferenciações, embora não tenha sido intenção de que elas fossem tratadas aqui diretamente, também se estendem às remunerações femininas e masculinas, entre oportunidades profissionais para mulheres e homens, entre carga sexual de trabalho e na valorização e diferenciação entre o que é – ou não – considerado trabalho (Bruschini; Lombardi, 2016).

Sob um outro ponto de vista, embora seja uma perspectiva relativamente distante da realidade das mulheres respondentes da pesquisa, Heredia (2013) mostra através da análise do modo de vida camponês como se dá estruturação social a partir das tarefas da família e dentro das casas. Considero importante citar essa diferenciação por ser mais um dado para buscar entender como se deu a construção de papéis na sociedade e, principalmente, dentro do ambiente doméstico.

Os papéis – definidos de acordo com o trabalho que executam – também definem o cotidiano das famílias, a estruturação econômica, o desenvolvimento das formações sociais e de organização no ambiente. No texto de Heredia, essas diferenciações giram em torno da terra. Isso porque a terra para o campesinato é o grande valor. A terra é de onde se retira toda a riqueza e de onde *o homem* “retira o pão”. No campo, os trabalhos se dividem entre o roçado e a casa. Sendo o roçado o local de domínio do homem e a casa o local de domínio da mulher. Na perspectiva do campesinato, só é considerado trabalho, a atividade que produz bens de consumo para a família. Sendo assim, só o roçado é trabalho. A casa não produz o bem material, portanto, não é trabalho.

Deste modo, pode-se ver que o trabalho doméstico, ainda nos dias de hoje, nas áreas urbanas, reproduz essa desvalorização persistente de uma atividade que é designada às mulheres. Partindo desse contexto, podemos fazer alguns paralelos com a pesquisa da cozinha para entender como se dão as relações familiares e de trabalho dentro do ambiente doméstico. No questionário, mais de 70% das respondentes moram com até três pessoas. Sendo assim, se considerarmos famílias nucleares (a maioria expressou que mora com filhos/as e companheiros/as), teremos um grande percentual de casas com 4 moradores – mãe, pai e filho/a(s).

Um outro dado revela a dinâmica cotidiana dessas famílias, posto que a maioria faz suas refeições na sala de jantar, se reunindo mais comumente à noite na cozinha, conforme informado pelas respondentes. Levando em conta as demais respostas anteriores, vemos que a sobrecarga feminina se revela novamente, com a demonstração que os demais moradores somente conseguem estar em casa no fim do dia.

Desta forma, voltando ao campo, a rotina da família é também uma tarefa feminina. As decisões e a execução sobre o trabalho da casa são responsabilidades da mulher, em famílias que são, possivelmente, mais numerosas que as desta pesquisa. Ou seja, fazer todo o trabalho da casa para atender a tantas pessoas, é um trabalho pesado. Apesar disso, é interessante observar, como já mencionado, que no campo o valor do trabalho não está na casa. No campo, essa oposição entre casa e terra é que define o que é considerado trabalho e não-trabalho. O valor está na terra e todos os privilégios são dados ao homem porque é ele quem trabalha na terra e portanto, é ele quem produz. O trabalho da mulher, embora pesado e fundamental para a família, não tem valor porque ela não trabalha na terra, a mulher trabalha na casa.

Na pesquisa, em alguma medida, a indicação é a mesma pois o valor está na rua

e não na casa, uma vez que as famílias somente se encontram à noite, depois de passar o dia todo produzindo na rua. O trabalho da casa no centro urbano é tão desvalorizado quanto no campo, mesmo que considerado sob perspectivas e realidades diferentes. Inclusive, é importante citar que existe um debate público e jurídico sobre a (des)valorização social do trabalho doméstico e do tempo que ele representa na rotina de quem o executa, sendo, geralmente, a mulher a pessoa de executa este trabalho. Uma sobrecarga feminina – sobre a qual já tratamos – que segue sendo reafirmada.

Outro dado interessante levantado por Heredia (2013) é que a mulher também pode cumprir tarefas no roçado, além das tarefas da casa que são de sua exclusiva responsabilidade. A mulher, também no roçado, acumula funções sem que isso lhe confira nenhum privilégio, prestígio ou poder. Tal dado diz respeito ao fato de que as relações sociais são moldadas pelo ambiente e pelo contato com o mundo exterior. Ou seja, o homem que trabalha fora da casa é que detém a hegemonia e a superioridade na relação hierárquica dentro da sociedade, onde também se caracteriza uma condição de dominação social. Pode-se dizer que a mulher tem alguma autoridade sobre o ambiente da casa e da cozinha, o que para muitos pode ser uma interpretação de que a mulher exerce a dominação sob esta perspectiva. Contudo, essa autoridade e dominação perante a sociedade continuam de fato e de direito sendo masculinas, enquanto a mulher acumula funções sem que isso lhe confira prestígio, reconhecimento e valorização equivalentes. Mesmo sendo tarefas essenciais à vida em sociedade.

É certo que estes dois contextos se apresentam em ambientes e épocas diferentes. Em boa medida, essas questões que nos ajudam a pensar sociologicamente contextos paralelos que se relacionam. Essa análise ajuda a interpretar, não somente os dados da pesquisa, mas também a construção histórica do papel da mulher na sociedade e no mundo do trabalho, olhando-as a partir das relações que se dão nas cozinhas das casas em ambientes e tempos históricos diversos.

AS RELAÇÕES SOCIAIS

As perguntas sobre as relações sociais dentro da cozinha são as que mais interessaram para desenvolver a pesquisa. Ao mesmo tempo, foram as mais complexas para analisar e fazer associações de modo que a pesquisa da cozinha fosse útil para pensar os modos de ocupação desse espaço de uso comum e como este espaço é concebido pelos indivíduos que vivem na casa. As perguntas sobre quanto tempo as

pessoas ficam na cozinha, quem usa a cozinha, como era a cozinha na infância – entre outras – foram pensadas para tentar dar uma orientação de sentido sobre como as relações se estabelecem dentro deste espaço nas moradias.

Numa observação empírica e sem critério científico, é possível que todos nós sejamos capazes de nos lembrar de que é muito comum – seja na nossa casa ou na casa dos outros – que as boas conversas terminem migrando para a cozinha. A pesquisa mostrou isso: 50% das respostas indicaram que as visitas da casa frequentam a cozinha e que quase 70% considera que frequentar a cozinha de uma casa configura relação de intimidade entre os donos da casa e as suas visitas. Deste modo, a cozinha é um local onde também as relações sociais internas e externas se constituem e se caracterizam. A cozinha é um espaço da casa que conecta, além dos moradores da casa, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e outros parentes. Sob uma perspectiva social e política, as relações se constroem quando se abre a *intimidade* das cozinhas das casas, não somente para os que estão dentro, como também para aqueles que vêm de fora.

Deste modo, também usando de observação, pode-se buscar explicações possíveis dos motivos para que essa *reunião* na cozinha ocorra com tanta frequência: o preparo dos alimentos necessita de tempo e de presença humana para que ele seja executado. E são a presença e o preparo – que demandam tempo – dois dos motivos que levam para a permanência neste ambiente em troca de uma *boa prosa*, justificando que as relações sociais aconteçam neste ambiente. A cozinha se mostra como o espaço de uso, não só funcional, como coletivo. Não só de atividades práticas, mas também de construção de afetos.

Sobre as características das cozinhas, as respostas revelaram que – mesmo sendo a maioria de tamanho pequeno ou médio – possuem mesa com bancos e/ou cadeiras para que as pessoas se sentem juntas. As respostas indicaram que a maioria das moradas se divide – geralmente – com familiares que se reúnem na cozinha, pelo menos, uma vez por dia, todos os dias. Inclusive, a pesquisa revelou – na pergunta “o que você menos gosta na sua cozinha” – que uma das maiores queixas com relação a este cômodo da casa se refere ao tamanho. A resposta foi que a cozinha poderia ser maior, tanto para caber mais gente, como para caber mais coisas. Uma resposta essa que trouxe um novo elemento para caracterizar a cozinha: um lugar onde as pessoas colocam suas coisas importantes, suas preferências, suas conquistas materiais e seu consumo, para além dos alimentos.

As cozinhas têm coisas e essas coisas se referem a outra questão sobre a qual se

necessita falar a respeito deste ambiente. Assim como a casa – que sempre tem algo pra fazer, consertar ou mudar – a cozinha também nunca está pronta. Sempre há algo a acrescentar e ela está em movimento, construção e transformação, sempre precisando de alguma outra coisa. As respostas revelaram que, além do tamanho, aquilo que mais agrada e o que menos agrada na cozinha são, para a maioria, os equipamentos que a cozinha possui, e o que ela não possui, respectivamente. Esse dado mostra a importância das coisas no ambiente da cozinha e o constante desejo de aquisição de novas coisas, como revelação de realizações pessoais e familiares.

A partir desta perspectiva, em alguma medida, é possível pensar em como os espaços se moldam, como as pessoas moldam o espaço e como o espaço molda as pessoas, pois “(...) o mundo que habitamos é composto não por objetos, mas por coisas” (Ingold, 2012, p. 27). O antropólogo define que a diferença entre coisas e objetos se destaca pelo fato de que os objetos são fatos consumados, enquanto as coisas estão num constante porvir. E prossegue numa passagem que parece “*desenhar*” totalmente a cozinha e seu uso cotidiano pelas famílias pela perspectiva das coisas: “A coisa, por sua vez, é um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas é ser convidado para a reunião” (Ingold, 2012, p. 27).

Este espaço de transformação e porvir, se relaciona mais ainda à cozinha, quando se considera que, além da presença das pessoas e das relações que acontecem dentro dela, o seu uso efetivo é para preparo de alimentos. Esse é o grande “acontecer” que se dá dentro da cozinha. A comida que se transforma, se movimenta, muda, termina, é repostada, num ciclo interminável de “aconteceres” pelas mãos de pessoas – como já sabemos, mulheres – que se revezam neste ambiente desempenhando a função de cozinhar e alimentar.

Em metade das respostas é a própria pessoa que respondeu o questionário que cozinha a maior parte das vezes. Nas outras 50% das vezes, quem cozinha são outras pessoas na casa. Desta forma, a cozinha sempre será diferente a cada vez que se entra nelas, seja: pelo que a cozinha possui estruturalmente, pelos alimentos disponíveis, pelo que está sendo preparado, pelas pessoas que ali trabalham, ou pelos que ali se reúnem. Uma cozinha é sempre diferente todos os dias e pode revelar as mudanças que acontecem nas realidades familiares, nos afetos, nas relações sociais e nas relações de trabalho que ali se estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise foi feita a partir das relações que se estabelecem dentro da cozinha e das práticas que nela se constituem no cotidiano das casas. Essa perspectiva se firma por considerar que a cozinha é um local central dentro das moradias. A casa é uma inflexão da ideia de ambiente e um fato social total que organiza práticas complexas e distintas, porém abrangentes, e que se dão dentro das casas e das formações familiares.

A casa é elemento central na nossa vivência e convivência em sociedade. Ela pode ter muitos significados como um local de: história, memória, arquivo, depósito, acolhimento, segurança, estruturação econômica, transformação, troca, vida e morte. Inclusive, pode-se pensar a casa como um local de trabalho, de construção de vida e de cotidiano. Ela pode ser objeto para se pensar inúmeras questões sociais, estruturais e relacionais da sociedade. As relações familiares, de poder, econômicas, políticas, sociais, os modos de vida e de trabalho podem ser configuradas nas casas e na perspectiva a partir das relações que se configuram dentro das cozinhas.

A pesquisa que objetivava observar o ambiente de forma quantitativa, revelou um importante recorte de gênero qualitativo. As respostas mostraram que as mulheres estão efetivamente mais presentes e inseridas neste ambiente doméstico que os homens. O perfil revelou mulheres urbanas, com boa escolaridade, com emprego formal que participam das rotinas domésticas, cozinhando todos os dias para suas famílias. Um perfil que também ainda reproduz uma realidade geracional, a partir da presença das mães dessas mulheres também nessas atividades. Deste modo, as mudanças dinâmicas que a sociedade apresenta – em certa medida – não estão abrangendo o universo feminino e as mulheres ainda estão acumulando funções e exercendo uma atividade extremamente desvalorizada. O que é ainda mais relevante quando se refere a uma atividade invisibilizada que, de fato, nem é considerada como trabalho.

Olhar para dentro das cozinhas trouxe também a perspectiva das relações sociais que se estabelecem neste ambiente. A cozinha, além de elemento central de convivência, também denota as representações coletivas e as reproduções sociais dos papéis masculinos e femininos no ambiente privado. Somado a isso, as realizações dentro das cozinhas, denotaram o cômodo como essencial para construção material de significados e simbolismos que estruturam e moldam os indivíduos e seus modos de vida. Considerando a pluralidade de interações e acontecimentos que são vivenciados dentro da rotina da cozinha das casas entre indivíduos – de dentro e de fora da família –

podemos chamar essas relações sociais como um tipo de *Sociologia da Cozinha*. Mesmo que seja prematuro afirmar, por se tratar de uma pesquisa pouco abrangente, dificilmente, será errado considerar que a cozinha é um local de grande aprendizado para entendimento das relações humanas. Por fim, a pesquisa mostra que há um campo que pode ser melhor explorado nos estudos das relações sociais, de gênero e de trabalho – e até de consumo – que se estabelecem a partir da cozinha das casas, indo muito além das relações de parentesco. As relações dentro das cozinhas das casas podem ser utilizadas como ferramentas de análise para melhor compreensão das questões econômicas, sociais, de gênero, dominação e divisão sexual do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Clarissa Galvão Cavalcanti. **Dos ofícios da alimentação à moderna cozinha profissional**: reflexões sobre a ocupação de chef de cozinha / Clarissa Galvão Cavalcanti Borba. – 2015. 235 f.; 30 cm. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silke Weber. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2015.

BOURDIEU, P. (2007). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.

BOURDIEU, P. (2007). **Os três estados do capital cultural**. In NOGUEIRA, M. A., & Catani, A. (Orgs.), *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras Trabalho feminino no final do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 17-18, p. 157–196, 2016.

Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644559>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. – 1^a ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo, Elefante, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOOGLE FORMS. Disponível em <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>. Acesso em 05 nov. 2019.

HEREDIA, Beatriz M. A. **A Morada da Vida**: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais: Editora Paz e Terra, 2013.

HIRATA, Helena. 2002. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 139-156. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 ago. 2020.

INGOLD, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 24-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1982. **As Estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes.

MCCALLUM, Cecília et BUSTAMANTE, Vania «Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia», **Etnográfica** [En ligne], vol. 16 (2) | 2012, mis en ligne le 26 juin 2012, consulté le 27 juin 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/1476>>.

McCLINTOCK, Anna. **Couro Imperial. Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

REGISTRO CIVIL 2019. **IBGE**. Sistema de Estatísticas Vitais – Tabelas. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?=&t=resultados>>. Acessado em 10 jun. de 2020.

SCHALL, Brunah et al. Gênero e Insegurança alimentar na pandemia de COVID-19 no Brasil: a fome na voz das mulheres. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 4145-4154, 2022.

SHIVA, Vandana. “Recursos Naturais” (pp. 300-316). In: Sachs, Wolfgang. **Dicionário do Desenvolvimento: Guia para o Conhecimento como Poder**. Petrópolis: Vozes, 2000

VIEIRA, Isabela. Mulheres trabalham cinco horas a mais e ganham 76% do salário dos homens. **Agência Brasil**, 06 dez. 2016. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/mercado-de-trabalho-continua-discriminando-mulheres-independentemente-da-crise>>. Acesso em 05 dez. 2019.